

## Por que a África precisa enfrentar desafios únicos para manter o número de casos de coronavírus baixo

22 de Abril de 2020

A Conversa, <https://theconversation.com/why-africa-needs-to-battle-unique-challenges-to-keep-coronavirus-numbers-down-136001>

Autores: [Nazeem Muhajarine](#), [Ejemai Eboreime](#), [Jacob Albin Korem Alhassan](#)

Enquanto o vírus SARS-CoV-2 varre o mundo, os países africanos estão a preparar-se para consequências graves. [As projecções divulgadas em 17 de Abril](#) incluem um cenário pior de um bilião de casos e 3,3 milhões de mortes. Este cenário baseia-se na hipótese de não serem tomadas medidas de distanciamento social. Com um intenso distanciamento social, as estimativas baixam para 122 milhões de infecções e 300.000 mortes.

Estas estimativas surpreendentes são um convite à acção urgente. Agora é a hora de agir em África e aplicar lições da sua própria história recente no combate contra epidemias como a Ébola e o HIV, bem como lições de países onde os surtos da COVID-19 podem estar a atingir o pico actualmente.

Ninguém sabe, porém, como é que a África vai sobreviver esta pandemia. Em comparação com o resto do mundo, especialmente com a Ásia, o vírus chegou mais tarde, dando a oportunidade de aprender de lições em tempo real que podem ajudar a orientar a batalha de África.

Oferecemos três recomendações a esse respeito:

- Disseminação de informações correctas
- Uma resposta coordenada e equitativa de comunidades médicas e cívicas e governos
- Aumento da capacidade de realização de testes

### 1. Disseminar informações correctas e fáceis de entender

Esta é a primeira epidemia à escala mundial na era da Internet. A informação, boa e má, propaga-se rapidamente, sem ter em conta as fronteiras nacionais. Todos os níveis de governos têm se esforçado para se manterem a par da rápida evolução da pandemia e das suas implicações.

Para complicar a situação, [a desinformação — sobre linhas de transmissão do vírus, remédios que melhoram a imunidade e mesmo prováveis curas](#) — viaja tão rapidamente como se fosse informação baseada na ciência e é frequentemente propagada através das redes sociais.

Esta pandemia exige mensagens com base científica, lideradas por todos os níveis de governo. Nos melhores exemplos, os chefes de governo, incluindo o Canadá, dão [informações diárias](#) e respondem à perguntas dos meios de comunicação social. Ao aconselharem directamente as pessoas e as comunidades através de anúncios de serviço público e ao recrutarem [influenciadores](#) para propagar mensagens fundamentais, os governos podem criar um sentimento de confiança ao mesmo tempo que combatem a desinformação.

Sem um fluxo constante de mensagens precisas e claras, a desinformação e medo tomam conta. Quando isso acontece, é difícil desfazer o dano.

## 2. Coordenar a acção política, médica e cívica, tendo em mente a equidade

O papel dos governos não termina com a gestão de informações. Os governos precisam reunir todos os recursos e instrumentos necessários para [liderar uma resposta coordenada](#) à pandemia.

As principais etapas iniciais consistem em trabalhar com as autoridades médicas e de saúde pública para coordenar e implementar uma resposta multifacetada. Isto deve incluir a recolha e o acompanhamento de dados, iniciativas de protecção dos trabalhadores dos serviços de saúde e dos serviços essenciais e estratégias de contenção e mitigação, bem como a disseminação de informações.

Os Governos, líderes médicos e cívicas devem ser proactivos em dissipar as percepções erróneas do público antes que se enraízem. Por exemplo, [teme-se que os governos estejam a negligenciar](#) os membros mais vulneráveis da sociedade - especialmente os idosos e aqueles que vivem na pobreza e em zonas rurais e remotas. As pessoas também estão [preocupadas com o facto de serviços essenciais](#) como comida, água, energia eléctrica e assistência médica poderem ser interrompidos ou sobrecarregados.

As greves dos profissionais da saúde já estão a ameaçar as capacidades de resposta em países como [Zimbábue](#), [Gana e Nigéria](#). Em muitos países, os cidadãos receiam que a sua [segurança pessoal e direitos humanos](#) possam ser postos em perigo durante esta crise.

Estes receios são reais. Os governos têm de os enfrentar, especificando as medidas que tomaram para proporcionar uma rede de segurança social aos mais vulneráveis, combatendo potenciais aumentos artificiais dos preços de bens e serviços essenciais e protegendo as pessoas de violações dos direitos humanos que possam resultar de uma aplicação incorrecta das medidas coercivas.

Uma postura inequívoca de transparência e responsabilidade pode ajudar a minimizar a perda de vidas pela COVID-19. Mais do que isso, pode promover a confiança do público e ajudar a garantir a resiliência dos sistemas económicos, políticos e de saúde da África, quando a pandemia terminar.

## 3. Aumentar a capacidade de realização de testes com acesso equitativo

Na África, como em outras partes do mundo, actualmente muitos países [não conseguem satisfazer a crescente demanda](#) por testes. Consequentemente, alguns estabeleceram protocolos que visam pessoas consideradas [com maior probabilidade de contrair o vírus](#). Mas há preocupações de que o acesso desigual aos testes e a falta de transparência possam ameaçar os esforços de controlo. Na resposta à COVID-19, os sistemas de saúde africanos terão de prestar especial atenção à equidade.

Na África do Sul, os testes estão [disponíveis em instalações de saúde governamentais e laboratórios privados](#). No entanto, mesmo em países onde a maioria dos testes é fornecida por instalações com financiamento público, existem preocupações de que [os membros influentes da sociedade](#), tais como políticos e celebridades, tenham acesso privilegiado.

Essa desigualdade pode levar à distribuição de testes positivos fortemente direccionados aos grupos mais ricos. Isso pode criar um falso senso de imunidade entre grupos populacionais com menos recursos, que já tendem a ver a COVID-19 como [“a doença da pessoa rica.”](#)

Para resolver este equívoco, testagem precisa ser disponibilizado para todos que precisam, e não apenas para aqueles com bons recursos. Dadas as implicações de casos não detectados para a saúde pública, os países devem priorizar o financiamento público dos testes e tratamento da COVID-19, e o acesso aos testes deve ser equitativo e transparente.

Além das lições aprendidas com a disseminação da COVID-19 na Ásia e na Europa, a África também pode aprender com suas próprias experiências, inclusive no combate contra crises de saúde anteriores. Durante a [Epidemia da doença do vírus da Ébola em 2014](#) na África Ocidental, mais de 29.000 pessoas foram infectadas e cerca de 11.310 delas morreram. Além dessas mortes, ocorreram importantes perturbações [socioeconómicas](#) e [políticas](#).

Essas experiências ensinaram aos líderes africanos lições valiosas e incutiram confiança de que eles podem enfrentar grandes catástrofes. Como em 2014 aquando a Ébola atingiu a África, o mundo precisa apoiar os líderes africanos, sistemas médicos e de saúde pública e a sociedade civil para combater a ameaça de um bilhão de casos de COVID-19 na África.

O anúncio dos países do G20 de suspender os pagamentos do serviço da dívida pelos países de baixa renda do mundo é um primeiro passo promissor, mas os países de alta renda e as instituições de financiamento para o desenvolvimento (Banco Mundial, [FMI](#)) precisam fazer muito mais.

Este é um alerta para a humanidade. Uma ameaça à saúde tão terrível exige uma resposta da mesma magnitude.

*Esta é uma versão actualizada de uma história publicada originalmente em 21 de Abril de 2020. Apresenta um contexto do número estimado de infecções e mortes em diferentes cenários.*

*Para imagens, consulte a versão original em Inglês em <https://theconversation.com/why-africa-needs-to-battle-unique-challenges-to-keep-coronavirus-numbers-down-136001>*

Sobre os autores:

[Nazeem Muhajarine](#)

Professor, Departamento de Saúde Comunitária e Epidemiologia e Director, Unidade de Pesquisa em Saúde e Avaliação da População de Saskatchewan, Universidade de Saskatchewan

[Ejemai Eboreime](#)

Médico de Saúde Pública / Cientista de Implementação, Universidade de Alberta

[Jacob Albin Korem Alhassan](#)

Doutorando em Saúde Comunitária e Epidemiologia, Universidade de Saskatchewan

[Okikiolu Badejo](#)

Pesquisador, Saúde Global, Universidade de Antuérpia